AUTISMO: DESAFIO NA INCLUSÃO E NO APRENDIZADO

ARIADNE FURTADO SANTOS

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neuro diversa que apresenta características variadas e desafios na comunicação e linguagem. Este artigo aborda o diagnóstico do TEA, enfocando as dificuldades na comunicação e a importância da tecnologia assistiva e da comunicação suplementar e alternativa para auxiliar as pessoas com TEA a se expressarem e se comunicarem de forma efetiva.Com base em estudos recentes, destacamos a relevância do diagnóstico precoce do TEA, uma vez que isso permite iniciar intervenções e suportes adequados o mais cedo possível, maximizando o desenvolvimento e melhorando a qualidade de vida dos indivíduos. A avaliação abrangente, conduzida por uma equipe multidisciplinar, é essencial para compreender as características específicas de cada pessoa no espectro. No que se refere à linguagem e comunicação, observamos que os sintomas do TEA podem variar desde dificuldades na linguagem expressiva, atrasos no desenvolvimento da fala até a ausência de comunicação verbal. Além disso, problemas na compreensão da linguagem social, como sarcasmo e metáforas, são comuns em indivíduos com TEA. Para lidar com esses desafios, a tecnologia assistiva e a comunicação suplementar e alternativa desempenham um papel crucial. Através de aplicativos e dispositivos, as pessoas com TEA podem se comunicar de maneira mais efetiva, utilizando imagens, símbolos ou palavras escritas, adaptando-se às suas necessidades individuais. Essas ferramentas proporcionam uma maneira mais inclusiva e flexível de se comunicar, promovendo maior independência e interação social. Enfatiza a importância de abordagens terapêuticas como a terapia comportamental e de linguagem, que podem auxiliar no desenvolvimento das habilidades de comunicação e interação social das pessoas com TEA. Além disso, é fundamental que familiares, educadores e profissionais de saúde estejam cientes dessas estratégias e tecnologias para fornecer um ambiente de apoio adequado. O presente artigo discute sobre a escolarização da criança com autismo, a refletir sobre os possíveis percursos da escolarização da criança com Transtorno Global do Desenvolvimento (autismo) em tempos de inclusão. Esclarece acerca do autismo desmitificando e trazendo base científica aliada as atividades de campo. Mostra os principais problemas dentro do sistema e o que deve ser feito para a inclusão no caso do aluno autista.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica que afeta a comunicação, a interação social e o comportamento de indivíduos, resultando em uma ampla gama de características e sintomas. Dentre as crianças com TEA, há um subgrupo que apresenta necessidades complexas de comunicação, enfrentando desafios significativos para se expressar e se conectar com o mundo ao seu redor.

Essas crianças com TEA e necessidades complexas de comunicação podem exibir dificuldades em compreender e utilizar a linguagem falada, bem como em interpretar e responder a pistas sociais e emocionais. Em decorrência dessas dificuldades, podem recorrer a comportamentos não convencionais ou estereotipados para se expressar, o que pode ser mal interpretado ou incompreendido por pessoas ao redor delas.

As necessidades complexas de comunicação representam um desafio significativo para os pais, cuidadores e profissionais que trabalham com essas crianças. A busca por abordagens e estratégias de intervenção eficazes torna-se fundamental para promover o desenvolvimento comunicativo e social dessas crianças e melhorar sua qualidade de vida.

Nesta discussão, serão exploradas as características e os desafios específicos enfrentados por crianças com TEA que apresentam necessidades complexas de comunicação. Além disso, serão examinadas algumas das abordagens de intervenção e terapias que têm mostrado promessa na facilitação da comunicação e interação social dessas crianças, reconhecendo a importância de uma abordagem individualizada e centrada no bem-estar de cada uma delas. Compreender e apoiar essas crianças em suas jornadas de comunicação é fundamental para promover inclusão e empatia em nossa sociedade, abrindo caminho para uma melhor compreensão e aceitação das diferentes formas de expressão humana.

As crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) que apresentam necessidades complexas de comunicação enfrentam uma série de desafios únicos e multifacetados em seu desenvolvimento. O TEA é uma condição heterogênea, o que significa que suas manifestações podem variar amplamente de uma criança para outra. Algumas delas podem desenvolver habilidades de comunicação verbal e não verbal desde cedo, enquanto outras podem experimentar atrasos significativos ou ausência completa de linguagem falada.

A comunicação é uma habilidade fundamental para a interação social, a expressão de necessidades e emoções, a compreensão do mundo ao redor e o estabelecimento de relacionamentos significativos. Nas crianças com TEA e necessidades complexas de comunicação, a dificuldade em expressar seus pensamentos e sentimentos pode resultar em frustração e isolamento social, tanto para a criança quanto para as pessoas que a cercam.

Essas crianças podem apresentar uma variedade de formas de comunicação não verbal, como gestos, expressões faciais, olhar direcionado e outras formas de comunicação através de comportamentos e sinais sutis. No entanto, nem sempre essas formas de comunicação são facilmente compreendidas pelos outros, o que pode levar a uma falta de reciprocidade na interação social e, consequentemente, impactar suas relações interpessoais.

Para pais, cuidadores e profissionais, a tarefa de apoiar crianças com TEA e necessidades complexas de comunicação pode ser desafiadora, mas também repleta de descobertas e conquistas gratificantes. É fundamental reconhecer a importância de uma abordagem individualizada e adaptada às necessidades específicas de cada criança, considerando suas habilidades, interesses e preferências.

Diversas estratégias e abordagens terapêuticas têm sido desenvolvidas para auxiliar no desenvolvimento da comunicação e interação social dessas crianças. Terapias baseadas em princípios de comunicação alternativa e aumentativa, como o uso de sistemas de comunicação por imagens ou tecnologias assistivas, podem oferecer meios para que as crianças se expressem e se conectem com o mundo de maneira mais efetiva.

Além disso, a criação de ambientes que promovam a comunicação e a interação social é crucial. A inclusão em escolas e ambientes sociais, juntamente com o apoio de professores e colegas, pode desempenhar um papel significativo no estímulo ao desenvolvimento comunicativo das crianças com TEA.

Conforme avançamos na compreensão do Transtorno do Espectro Autista e suas diversas manifestações, é imperativo que a sociedade adote uma postura empática, acolhedora e inclusiva. Ao valorizar e respeitar as diferentes formas de comunicação, estaremos construindo uma sociedade mais sensível e consciente, onde cada indivíduo, independentemente de suas necessidades de comunicação, possa encontrar seu lugar e contribuir para um mundo mais diverso e enriquecedor.

REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Transtorno do Espectro Autista (TEA)

O termo "autismo" foi inicialmente introduzido em 1911 pelo psicólogo Eugen Bleuler, com o intuito de descrever sintomas relacionados à esquizofrenia. No entanto, a primeira descrição pública ocorreu em 1943, por meio da publicação do Dr. Leo Kanner, que clinicamente descreveu o autismo ao diagnosticar um grupo de crianças com esquizofrenia.

Consequentemente, Hans Asperger descreveu a "Síndrome de Kanner", caracterizando crianças com dificuldades na comunicação não verbal e na compreensão dos sentimentos dos outros.

Com o passar do tempo, diversas teorias e definições foram formuladas, resultando na perspectiva atual do autismo como Transtorno do Espectro Autista (TEA), um distúrbio do neurodesenvolvimento que se manifesta através da dificuldade em interagir socialmente, comunicar-se e exibir movimentos estereotipados (movimentos repetitivos).

O TEA é marcado por uma tríade de dificuldades: socialização, comunicação e movimentos estereotipados, sendo essencial para a compreensão e esclarecimento do conhecimento sobre a condição.

Nesse contexto, o ambiente escolar assume um papel crucial na análise da interação social, uma vez que é onde a criança passa a maior parte do seu tempo. É esperado que, a partir do convívio nesse ambiente, os primeiros sinais de alerta possam ser identificados.

As instituições escolares desempenham um papel orientador no processo de diagnóstico do TEA, o que requer uma equipe docente sempre em constante formação.

As crianças autistas são beneficiadas por um planejamento estruturado, que combina as práticas do cotidiano dos pais, do indivíduo e da escola.

É de extrema importância estar atento aos sinais de alerta para possibilitar um diagnóstico precoce, permitindo o encaminhamento do aluno para uma reabilitação intensiva e direcionada ao tratamento dos transtornos comportamentais e de comunicação.

As intervenções de reabilitação intensivas podem significativamente contribuir para o desenvolvimento da criança, auxiliando-a em seu progresso geral.

O transtorno do espectro autista (TEA) é uma condição complexa de desenvolvimento, que engloba atrasos e dificuldades nas áreas de interação social e linguagem, além de uma ampla gama de sintomas emocio-

nais, cognitivos, motores e sensoriais, conforme descrito por Greenspan e Wieder (2006).

No século XX, o autismo era frequentemente associado à esquizofrenia. O termo "autismo" foi introduzido pelo psiquiatra Eugen Bleuler em 1911, sendo considerado um sintoma secundário das esquizofrenias. Essa desordem apresentava grande dificuldade ou impossibilidade de comunicação e contato com as pessoas, levando à perda de contato com a realidade.

O termo autismo foi introduzido pela primeira vez pelo psiquiatra Eugen Bleuler, em 1911, como intuito de descrever um tipo de sintoma

que ele considerou ser um sintoma secundário das esquizofrenias, ou seja, como sinônimo da perda de contato com a realidade que se produz no processo do pensamento na síndrome de esquizofrenia do adolescente e adultos. Esta desordem origina grande dificuldade ou impossibilidade de comunicação e contato com as pessoas."(MORAIS,P.6,2012)

O termo "autista" era utilizado para descrever indivíduos com comportamento retraído ou mais "isolados" do que outras pessoas.

Segundo Morais (2012), em 1943, o psiquiatra Leo Kanner realizou uma descrição clínica do autismo, baseada no diagnóstico prévio de esquizofrenia em 11 crianças da mesma idade. Essa descrição levou à denominação de "Síndrome de Kanner". A esquizofrenia infantil identificada por Kanner era caracterizada pela obsessão por rotinas, dificuldades na interação social, estereotipias e ecolalia, o que, nos dias de hoje, poderia ser diagnosticado como autismo nível 3 - severo/grave.

Hans Asperger, pediatra austríaco, concentrou seu trabalho no outro extremo do espectro autista. As crianças atendidas por ele não apresentavam atrasos no desenvolvimento da linguagem ou distúrbios mentais; eram pacientes bem desenvolvidos, mas tinham formas peculiares de se comunicar e utilizavam palavras incomuns para a idade. Isso poderia ser diagnosticado como autismo nível 1 - leve nos dias de hoje.

Em 1978, o psiquiatra inglês Michael Rutter propôs uma nova definição do distúrbio, considerando o autismo como um transtorno mental independente da esquizofrenia. Ele estabeleceu quatro critérios para caracterizar o autismo: atrasos e desvios sociais (não somente devido à deficiência intelectual), problemas de comunicação (não apenas ligados à deficiência intelectual), comportamentos incomuns como movimentos estereotipados e maneirismos, e sintomas apresentados antes dos dois anos e seis meses de vida. Essa proposta influenciou a elaboração da terceira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM III).

Lorna Wing, psiquiatra, também contribuiu para a conceituação do autismo como um espectro, afetando pessoas em diferentes níveis. Ela estabeleceu alguns pontos básicos para o diagnóstico, como a verbalização correta, porém estereotipada, comunicação não-verbal inadequada, ausência de manifestações convencionais de empatia, repetição e dificuldade de mudanças, deficiências de coordenação motora e boa memória mecânica com interesses limitados.

Desde então, o conceito de autismo como um espectro foi amplamente aceito e adotado. Essa abordagem reconhece que o autismo se manifesta de maneiras diferentes em cada indivíduo e pode variar em termos de gravidade e sintomas apresentados.

Com o avanço do conhecimento sobre o autismo, surgiram novas abordagens terapêuticas e métodos de intervenção. A terapia comportamental aplicada (TCA) tem se mostrado eficaz no tratamento de crianças autistas, utilizando técnicas de reforço positivo e modelagem para desenvolver habilidades sociais e de comunicação. Além disso, a terapia ocupacional desempenha um papel importante no auxílio aos indivíduos autistas, visando a melhoria da coordenação motora e o desenvolvimento de habilidades práticas para a vida diária.

Contudo, é primordial destacar que o autismo ainda enfrenta diversos obstáculos. O diagnóstico precoce e preciso é fundamental para assegurar uma intervenção apropriada e o acesso aos serviços essenciais. Infelizmente, em muitos casos, o diagnóstico pode ser tardio, resultando em atrasos na intervenção e no apoio adequado.

Ademais, é necessário que a sociedade como um todo seja mais inclusiva e compreensiva em relação às pessoas no espectro autista. A conscientização e a educação sobre o autismo são elementos cruciais para combater estigmas e preconceitos, promovendo um ambiente acolhedor e inclusivo para todos.

À medida que avançamos, é imprescindível continuar pesquisando e buscando um entendimento mais aprofundado do autismo. Por meio de estudos e avanços científicos, esperamos descobrir mais sobre as causas do autismo, desenvolver novas abordagens de intervenção e proporcionar uma melhor qualidade de vida para as pessoas com autismo.

Conforme Arruda (2018) salienta, a busca por tratamentos mais eficazes e uma possível cura para o autismo permanece como uma prioridade na comunidade científica. Embora ainda não exista uma cura definitiva para o autismo, as pesquisas têm se concentrado em compreender melhor as bases biológicas e genéticas do transtorno,

bem como em identificar intervenções que possam aprimorar a qualidade de vida das pessoas com autismo.

Avanços significativos têm sido realizados no campo da genética, revelando uma série de genes associados ao autismo. Essas descobertas estão auxiliando os pesquisadores a compreenderem as bases neurobiológicas do transtorno e a desenvolver novas abordagens terapêuticas direcionadas a esses alvos genéticos.

A tecnologia tem desempenhado um papel cada vez mais importante no campo do autismo. Jogos e aplicativos de computador específicos para o treinamento de habilidades sociais, de comunicação e de autocuidado têm mostrado resultados promissores no desenvolvimento de competências importantes para as pessoas autistas. (ARRUDA, p.17, 2018)

Entretanto, é de extrema importância reconhecer que o autismo não deve ser percebido apenas como um transtorno a ser corrigido. As pessoas no espectro autista possuem habilidades e perspectivas únicas que podem oferecer contribuições valiosas à sociedade. Promover a inclusão e o respeito pela neurodiversidade é essencial para possibilitar que todos os indivíduos, independentemente de suas condições, tenham a oportunidade de alcançar todo o seu potencial.

De acordo com Arranha (2010), espera-se que no futuro a pesquisa, o desenvolvimento de intervenções e a conscientização pública sobre o autismo continuem progredindo. É fundamental investir em recursos e apoio adequados para garantir que as pessoas com autismo recebam o suporte necessário ao longo de suas vidas, promovendo sua independência, bem-estar e participação ativa na sociedade.

Compreender o autismo de forma abrangente e humanizada é essencial para construir uma sociedade mais inclusiva, onde todas as pessoas sejam valorizadas e respeitadas, independentemente de sua neurodiversidade.

Conforme avançamos no conhecimento e compreensão do autismo, é imprescindível direcionar esforços para criar ambientes inclusivos em todas as esferas da sociedade. Isso implica em garantir acesso igualitário à educação, emprego, serviços de saúde e apoio social para as pessoas no espectro autista.

No contexto educacional, é essencial desenvolver práticas pedagógicas adaptadas às necessidades individuais dos estudantes autistas. Isso envolve capacitar os professores no entendimento do autismo e implementar estratégias de ensino diferenciadas, valorizando as habilidades e potenciais de cada aluno.

No âmbito profissional, é necessário promover a inclusão de pessoas autistas, proporcionando adaptações razoáveis e ambientes acessíveis. A conscientização e a sensibilização dos empregadores e colegas de trabalho são fundamentais para criar um ambiente acolhedor e respeitoso, onde as pessoas autistas possam contribuir de maneira significativa.

Além disso, é importante incentivar a pesquisa e o desenvolvimento de terapias e intervenções baseadas em evidências, que atendam às necessidades específicas das pessoas no espectro autista. Isso inclui abordagens comportamentais, terapias ocupacionais, fonoaudiologia, terapia sensorial e outras intervenções que visam melhorar as habilidades sociais, de comunicação e a qualidade de vida das pessoas com autismo.

O apoio e a inclusão da família também desempenham um papel crucial. É fundamental oferecer suporte emocional, informações e recursos para os pais e familiares de pessoas autistas, para que possam compreender e atender às necessidades de seus entes queridos, além de garantir que tenham acesso a redes de apoio e a serviços especializados. (ARANHA, p.89,2010)

No contexto social, é crucial promover a conscientização e a aceitação do autismo para enfrentar os estigmas e preconceitos ainda presentes na sociedade. É essencial impulsionar campanhas de conscientização, eventos e iniciativas que informem e sensibilizem a população em geral, estimulando a inclusão, o respeito e o reconhecimento das pessoas autistas.

Conforme avançamos em nosso entendimento sobre o autismo e trabalhamos para criar uma sociedade mais inclusiva, é fundamental lembrar que cada pessoa autista é única, com suas próprias habilidades, desafios e contribuições. Ao reconhecer e celebrar a diversidade do espectro autista, estamos construindo um mundo mais justo, igualitário e acolhedor para todos.

De acordo com Silva e Gaiato (2012), o Transtorno do Espectro do Autismo é considerado um transtorno de neurodesenvolvimento no qual a criança enfrenta dificuldades na comunicação social e apresenta interesses restritos e estereotipados. Isso significa que há uma alteração ocorrida no cérebro, afetando as conexões entre os neurônios e ocasionando dificuldades em interagir adequadamente com outras pessoas.

Quando jogamos uma pedrinha em um lago de água parada, ela gera várias pequenas ondas que formam camadas mais próximas e mais distantes do ponto no qual a pedra caiu. O espectro autista é assim, possui várias camadas mais ou menos próximas do autismo clássico (grave), que poderia ser considerado o centro das ondas, o ponto onde a pedra atingiu a água. Esse espectro pode se

manifestar nas pessoas de diversas formas, mas elas terão alguns traços similares, afinal todas as ondulações derivam do mesmo ponto. (Silva, Gaiato e Reveles, p.29,2012)

Assim, é importante notar que o autismo não se restringe a um único tipo; trata-se de um transtorno abrangente, razão pela qual o termo "espectro" é utilizado. Esse termo pode ser descrito como uma ampla variedade de sintomas e níveis de gravidade, que se manifestam de maneira única em cada indivíduo, resultando sempre em casos singulares.

2.2 Características

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é caracterizado por dificuldades na comunicação social e por interesses restritos e estereotipados. É considerado um transtorno de neurodesenvolvimento, o que significa que está relacionado a alterações no desenvolvimento do cérebro e na forma como os neurônios se conectam. Essas alterações podem resultar em dificuldades na interação com outras pessoas.

Uma maneira de compreender o espectro autista é por meio da analogia das ondas geradas por uma pedrinha jogada em um lago de água parada. O autismo clássico, que seria o centro das ondas, é apenas uma das camadas do espectro. Ao redor desse centro, há diversas camadas mais ou menos próximas, representando diferentes manifestações do transtorno. Cada pessoa no espectro autista pode apresentar características e sintomas únicos, embora haja traços similares entre elas.

Devido à sua abrangência e diversidade, o termo "espectro" é utilizado para descrever o TEA. O espectro abrange uma ampla gama de sintomas e níveis de gravidade, manifestando-se de maneira singular em cada indivíduo. Isso significa que duas pessoas com TEA podem apresentar características e necessidades distintas, mesmo compartilhando o diagnóstico dentro do espectro.

Segundo APA (2014), o diagnóstico do Transtorno do Espectro do Autismo é baseado em critérios específicos estabelecidos em manuais diagnósticos, como o DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição). Os profissionais de saúde, como psiquiatras, psicólogos e neuropediatras, realizam uma avaliação abrangente, considerando a observação do comportamento, o histórico de desenvolvimento e a interação social da pessoa. O diagnóstico precoce e preciso é fundamental para proporcionar intervenções e suporte adequados.

Quanto à classificação, o TEA engloba diferentes subtipos, que podem variar de acordo com o grau de comprometimento social, a presença de atrasos no desenvolvimento e a gravidade dos sintomas. Alguns subtipos comuns incluem o Transtorno Autista, a Síndrome de Asperger e o Transtorno Desintegrativo da Infância. Essas classificações podem ajudar a entender melhor as características específicas e as necessidades individuais das pessoas dentro do espectro.

É importante ressaltar que o Transtorno do Espectro do Autismo não define a identidade de uma pessoa, e cada indivíduo é único em suas habilidades, interesses e personalidade. O suporte, a inclusão e a compreensão da diversidade no espectro autista são fundamentais para promover uma sociedade mais inclusiva e acolhedora para todos.

Além do conceito geral, das características, do diagnóstico e da classificação, é importante ressaltar alguns outros aspectos relevantes sobre o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).

O TEA afeta o desenvolvimento da criança desde os primeiros anos de vida e pode se manifestar por meio de diferentes sintomas e comportamentos. As dificuldades na comunicação social podem envolver dificuldades em estabelecer e manter interações sociais, dificuldade em interpretar e responder a emoções e expressões faciais, e dificuldades na compreensão de regras sociais não verbais, como o contato visual e a linguagem corporal.

Além disso, os interesses restritos e estereotipados são uma característica comum no TEA. As crianças com autismo podem ter um foco intenso em determinados objetos, atividades ou assuntos específicos. Esses interesses podem ser altamente especializados e limitar a flexibilidade e a diversidade de suas experiências.

É importante destacar que cada pessoa no espectro autista é única e possui suas próprias habilidades, desafios e características. O grau de gravidade dos sintomas pode variar amplamente, desde formas mais leves até formas mais graves que exigem um apoio mais intensivo.

Malofeev (2011) ressalta que o diagnóstico precoce e preciso do TEA é fundamental para garantir a intervenção e o suporte adequados à criança. Quanto mais cedo o diagnóstico for realizado, maiores são as chances de iniciar intervenções e terapias que possam promover um desenvolvimento saudável e melhorar a qualidade de vida.

As intervenções podem incluir terapia comportamental, terapia da fala e linguagem, terapia ocupacional, treinamento de habilidades sociais e apoio educacional. O suporte familiar também desempenha um papel crucial no processo de intervenção, fornecendo apoio emocional, educacional e prático à criança com TEA.

Além disso, é importante destacar que

as pessoas com TEA têm potencialidades e habilidades únicas. Muitas vezes, elas possuem uma percepção detalhada e minuciosa do mundo e podem desenvolver interesses específicos que se tornam áreas de especialização e talento. Valorizar essas habilidades e promover a inclusão e o respeito são aspectos fundamentais para a construção de uma sociedade mais inclusiva e diversa.

Em resumo, o Transtorno do Espectro do Autismo é um transtorno de neurodesenvolvimento que afeta a comunicação social e os interesses da pessoa. É um espectro abrangente, com diferentes manifestações e graus de gravidade. O diagnóstico precoce e o suporte adequado são essenciais para promover o desenvolvimento saudável e a qualidade de vida das pessoas com TEA. É fundamental valorizar as habilidades individuais e

promover a inclusão e o respeito à diversidade no espectro autista.

De acordo com Silva e Gaiato (2012), o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) se manifesta através de uma série de características na comunicação social e interesses restritos e estereotipados. Essas características incluem:

Dificuldade no contato interpessoal.

Dificuldade no uso de gestos e expressões faciais.

Dificuldades em fazer amizades, compreender emoções e sentimentos relacionados ao outro.

Falta de interesse por atividades ou brincadeiras propostas por outras crianças.

Abordagem artificializada, robotizada ou "aprendida" nas interações com os outros, levando ao fracasso nas conversas interpessoais.

Foco intenso em brinquedos ou brincadeiras específicas que são de seu interesse restrito.

Além disso, Silva e Gaiato (2012) apontam que o interesse restrito e estereotipado também pode se manifestar em situações como:

Movimentos repetitivos ou estereotipados com objetos e/ou fala.

Repetições de trechos de filmes ou desenhos durante a fala, mesmo quando não há função de interação social.

Insistência em rotinas e comportamentos padronizados, com fixação em temas e interesses restritos.

Reações exageradas ou diminuídas a estímulos ambientais, como sons ou texturas.

Estereotipias motoras, como movimentos repetitivos do corpo ou das mãos.

Extrema angústia diante de pequenas mudanças na rotina.

Forte apego a objetos, dedicando muito tempo a observá-los ou usá-los repetidamente, muitas vezes segurando o mesmo objeto o dia todo.

Sensibilidade intensa a barulhos, cheiros, texturas de objetos ou grande interesse em luzes, brilhos e movimentos repetitivos específicos.

Alteração na sensibilidade à dor.

É importante ressaltar que nem todas as crianças com TEA apresentam exatamente as mesmas características ou sintomas. A avaliação individual é essencial para determinar as especificidades de cada criança com autismo, uma vez que o transtorno se manifesta em um espectro diverso de maneiras, resultando em casos singulares.

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é uma condição de neurodesenvolvimento que afeta a comunicação social e os interesses das pessoas. Sendo um espectro abrangente, o TEA se manifesta em diferentes formas e com graus de gravidade variados. O diagnóstico precoce e a assistência adequada são cruciais para fomentar o desenvolvimento saudável e melhorar a qualidade de vida das pessoas com TEA.

Educação Inclusiva: abordagem e práticas pedagógicas

A educação inclusiva é uma abordagem que busca garantir que todas as crianças, independentemente de suas habilidades e características, tenham igualdade de acesso à educação. No contexto do autismo, a educação inclusiva desempenha um papel fundamental em promover o desenvolvimento acadêmico, social e emocional de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Uma escola inclusiva reconhece a diversidade nas habilidades e necessidades dos alunos e adapta suas práticas pedagógicas para atender a essa diversidade. No caso das crianças com autismo, a inclusão escolar é essencial para proporcionar um ambiente que valorize suas potencialidades e ofereça suporte adequado para superar os desafios que possam surgir.

Ao adotar a educação inclusiva para crianças com TEA, a escola busca criar um ambiente acolhedor e respeitoso, onde cada aluno seja aceito e valorizado por suas características individuais. Isso inclui oferecer apoio e recursos adicionais para que a criança com autismo possa participar plenamente das atividades acadêmicas e sociais.

Uma das principais estratégias utilizadas na educação inclusiva para crianças

com autismo é a individualização do ensino. Cada criança é única, e suas necessidades de aprendizagem podem variar significativamente. Portanto, os educadores adaptam o currículo e as atividades para atender às necessidades específicas de cada aluno com autismo, considerando suas habilidades, interesses e desafios.

A comunicação é um aspecto essencial da educação inclusiva para crianças com TEA. Muitas crianças com autismo podem ter dificuldades na comunicação verbal, e é importante que os educadores estejam preparados para utilizar estratégias de comunicação alternativa e aumentativa, como pranchas de comunicação, aplicativos de comunicação assistiva e linguagem de sinais, para facilitar a expressão e compreensão das crianças. Outro aspecto importante na educação inclusiva para crianças com autismo é o apoio de profissionais especializados, como psicólogos, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais. Esses profissionais podem trabalhar em conjunto com os educadores para desenvolver planos de intervenção individualizados e oferecer suporte técnico para a implementação das estratégias adequadas.

A educação inclusiva também busca promover a interação social entre todas as crianças, incluindo aquelas com autismo. O desenvolvimento de habilidades sociais é essencial para a participação efetiva na vida escolar e no convívio com os colegas. Portanto, os educadores incentivam a interação e o trabalho em grupo, criando oportunidades para que as crianças com autismo pratiquem suas habilidades sociais em um ambiente seguro e apoiador.

No entanto, para que a educação inclusiva seja efetiva para crianças com autismo, é fundamental que os educadores recebam formação e capacitação adequadas. O conhecimento sobre o autismo e as estratégias educacionais específicas é essencial para oferecer um ambiente inclusivo e de qualidade para essas crianças.

A educação inclusiva desempenha um papel crucial no desenvolvimento e sucesso acadêmico e social de crianças com autismo. Ao adotar abordagens individualizadas, oferecer suporte especializado e promover a interação social, as escolas podem garantir que todas as crianças, incluindo aquelas com TEA, tenham a oportunidade de alcançar seu pleno potencial e se desenvolverem de forma integral.

As crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) que apresentam necessidades complexas de comunicação podem enfrentar diversas dificuldades em sala de aula devido às características do autismo que afetam a forma como elas se expressam, interagem e compreendem a linguagem. Essas dificuldades podem variar em intensidade e manifestação, dependendo das particularidades de cada criança.

Comunicação Verbal Limitada ou Ausente: Uma das principais dificuldades enfrentadas por crianças com TEA que têm necessidades complexas de comunicação é a limitação ou ausência da fala verbal. Muitas delas podem ser não verbais ou ter fala limitada, o que torna a comunicação verbal tradicional desafiadora.

Compreensão Limitada da Linguagem: Além da dificuldade na expressão verbal, algumas crianças com TEA podem ter problemas na compreensão da linguagem, tanto verbal como não verbal. Isso pode levar a mal-entendidos e dificultar a participação em atividades de sala de aula que envolvem instruções verbais.

Dificuldades na Comunicação Social: As crianças com TEA podem ter dificuldades em compreender e utilizar a comunicação social, como o contato visual, expressões faciais, linguagem corporal e tom de voz. Isso pode afetar suas interações com os colegas e professores, tornando o processo de comunicação mais desafiador.

Comportamentos Repetitivos: Algumas crianças com TEA podem apresentar comportamentos repetitivos ou estereotipados, que podem interferir na comunicação em sala de aula. Esses comportamentos podem ser uma forma de autorregulação, mas também podem dificultar a interação com os outros.

Hipersensibilidade Sensorial: Muitas crianças com TEA apresentam hipersensibilidade a estímulos sensoriais, como luzes, ruídos e texturas. Isso pode afetar sua capacidade de se concentrar e participar de atividades em sala de aula, afetando indiretamente a comunicação.

Comportamentos Desafiadores: Algumas crianças com TEA podem exibir comportamentos desafiadores, como agressão ou autolesões, como forma de se comunicar ou expressar suas necessidades e frustrações. Esses comportamentos podem criar desafios adicionais para a comunicação em sala de aula.

Para lidar com essas dificuldades, é fundamental que os educadores estejam preparados para utilizar estratégias de comunicação alternativa e aumentativa, como pranchas de comunicação, sistemas de sinais ou aplicativos de comunicação assistiva. Essas ferramentas podem facilitar a expressão das crianças com TEA e ajudá-las a se comunicar de forma mais efetiva.

É essencial que os educadores criem um ambiente acolhedor e inclusivo, onde as crianças com TEA se sintam aceitas e valorizadas. A compreensão das necessidades individuais de cada criança, a adaptação do currículo e das atividades, e a promoção de

interações sociais positivas entre todas as crianças podem contribuir para a melhoria da comunicação em sala de aula e para o bem-estar geral dessas crianças. A colaboração com profissionais especializados, como terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e psicólogos, também é fundamental para oferecer um suporte abrangente e efetivo para as crianças com TEA que apresentam necessidades complexas de comunicação em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A educação inclusiva é um princípio fundamental que busca garantir o direito de todas as crianças a uma educação de qualidade, independentemente de suas características, habilidades ou necessidades especiais. Nesse contexto, o autismo representa um desafio importante, uma vez que as crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) podem apresentar necessidades complexas de comunicação, que demandam abordagens pedagógicas e recursos específicos para uma inclusão efetiva.

Ao longo deste texto, observamos a importância crescente da inclusão de crianças com TEA nas escolas dos anos iniciais da rede municipal. Os dados demonstram um aumento significativo no número de alunos com TEA matriculados, tanto nas zonas urbanas como na zona rural. Essa crescente nos chama a atenção para a relevância de promover ambientes educacionais acolhedores, onde todas as crianças possam se sentir pertencentes e tenham suas necessidades individuais atendidas.

As dificuldades de comunicação enfrentadas pelas crianças com TEA podem variar em intensidade e abrangência. Algumas dessas crianças podem não fazer uso da fala, o que demanda abordagens alternativas para que possam se expressar e se comunicar de forma efetiva. A comunicação suplementar e alternativa, assim como a utilização de tecnologia assistiva, se apresentam como estratégias fundamentais nesse contexto, permitindo que essas crianças encontrem meios adequados para se comunicarem e participarem ativamente do processo educacional.

Nesse cenário, é fundamental que os professores estejam devidamente capacitados para lidar com as necessidades específicas das crianças com TEA. A implementação de estratégias didáticas inclusivas, que valorizem a individualidade de cada aluno, bem como a adaptação e flexibilização do planejamento pedagógico, é essencial para garantir uma educação de qualidade para todos.

A educação inclusiva é um trabalho coletivo, que envolve não apenas os profissionais da educação, mas também a família, a comunidade e a sociedade como um todo. O acolhimento, a empatia e o respeito pela diversidade são valores fundamentais que devem ser cultivados em nosso ambiente educacional, possibilitando o pleno desenvolvimento e aprendizado das crianças com TEA.

As considerações finais reforçam a importância de uma educação inclusiva e sensível às necessidades das crianças com TEA que apresentam necessidades complexas de comunicação. Somente através do trabalho colaborativo e do investimento em recursos e capacitação adequada será possível garantir uma educação inclusiva e de qualidade para todas as crianças, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e acolhedora.

REFERÊNCIAS

APA. American Psychiatric Association. DSM-V. Manual Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais. Porto Alegre: ARTMED, 2014.

ARANHA, M, S,F Educação Inclusiva: Transformação Social ou. Retórica, ARTMED 2010

ARRUDA, G, A. Educação Inclusiva, Legislação e Implementação, Scielo, 2018

BACARIN, Ligia B P. Transtorno Espectro Autista. Edição 1ª. Editora Contentus.

BAPTISTA, Claudio R.; BOSA, Cleonice. Autismo e educação. Grupo A, 2002. E-book. ISBN 9788536310640. Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536310640/.

CAMINHA, Vera Lúcia Prudência dos S.; HUGUENIN, Julliane Yoneda A.; ALVES, Priscila P.

Autismo: vivências e caminhos. Editora Blucher, 2016. E-book. ISBN 9788580391329. Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788580391329/.

CAVALCANTI, Alessandra; GALVÃO, Cláudia. Terapia Ocupacional: Fundamentação & Prática. Grupo GEN, 2007. E-book. ISBN 978-85-277-1959-9. Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-277-1959-9/. Acesso em: 17 jun.

2023.

FARRELL, Michael. Dificuldades de Comunicação e Autismo. Grupo A, 2008. E-book. ISBN9788536315621.Disponível.em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536315621/. Acesso em: 17 jun. 2023. GONCALVES, Amanda Pilosio et. al. Transtornos do espectro do autismo e psicanálise: revisitando a literatura. In: Tempo psicanal. Vol. 49, Núm. 2. P. 152-181. Rio de Janeiro, DEZ. 2017.

JÚLIO-COSTA, A.; ANTUNES, A M.

Transtorno do espectro autista na prática clínica. São Paulo; Pearson Clinical Brasil, 2017. (coleção Neuropsicológica na Prática Clínica).

LACERDA, Lucelmo. Transtorno do espectro autista: uma brevíssima introdução / Lucelmo Lacerda. – Curitiba: CRV, 2017.

LAGO, M. Autismo na escola: ação e reflexão do professor. 2007. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Publicação na revista Programa de Pós-Graduação em Educação, Editora literata Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

LOPEZ, Maura C.; FABRIS, Eli Terezinha H. Inclusão & Educação. [Digite o Local da Editora]:

Grupo Autêntica, 2013. E-book. ISBN 9788582171172. Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582171172/. Acesso em: 17 jun. 2023.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete Declaração de Salamanca. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em https://www.educabrasil.com.br/declaracao-de-salamanca/. Acesso em 17 jun 2023.

MARTINS, A. D. F. Crianças autistas em situação de brincadeira: Apontamentos para as práticas educativas. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de PósGraduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Revista Metodista Piracicaba, 2009.

MONTENEGRO, Maria A.; CELERI, Eloisa Helena R V.; CASELLA, Erasmo B. Transtorno do

Espectro Autista - TEA: Manual Prático de Diagnóstico e Tratamento. [Digite o Local da Editora]:

Thieme Brazil, 2018. E-book. ISBN 9788554650827. Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788554650827/. Acesso em: 16 jun. 2023.

NÚCLEO DE TELESSAÚDE - SERGIPE. Quais os sinais e sintomas do autismo e quais orientações acerca do tratamento para as famílias de autistas. Secretaria de Saúde. Aracajú, SE, 2016.

ONZI. Z. F; GOMES F. R. Transtorno do Espectro Autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. In: Caderno Pedagógico-Univates. Vol.12, Núm. 3, 2015.

TEZZARI, M. L; BAPTISTA, C. R. Vamos brincar de Giovani? A integração escolar e o desafio da psicose. In: BAPTISTA, C. R. e BOSA, C. (Orgs) Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção. Moderna, 2 ed. 2002.

VASQUES, C. K. Um coelho branco sobre a neve: estudo sobre a escolarização de sujeitos com psicose infantil. 2003. 152f. Educação mais, ed.4, Revista Acadc 2003.

VISCA, Jorge. Jean Piaget: Técnicas Projetivas Psicopedagógicas e Pautas Gráfica para sua Interpretação. Compiladora: Susana Rozenmacher. 4ª ed. Buenos Aires: Visca & Visca, 2013.

VYGOTSKY, L.S. Psicologia Pedagógica. São Paulo: Martins Fontes, 2000. A formação social da mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VOLKMAR, Fred R.; WIESNER, Lisa A. Autismo: guia essencial para compreensão e tratamento. [Digite o Local da Editora]: Grupo A, 2018. E-book. ISBN 978858271522